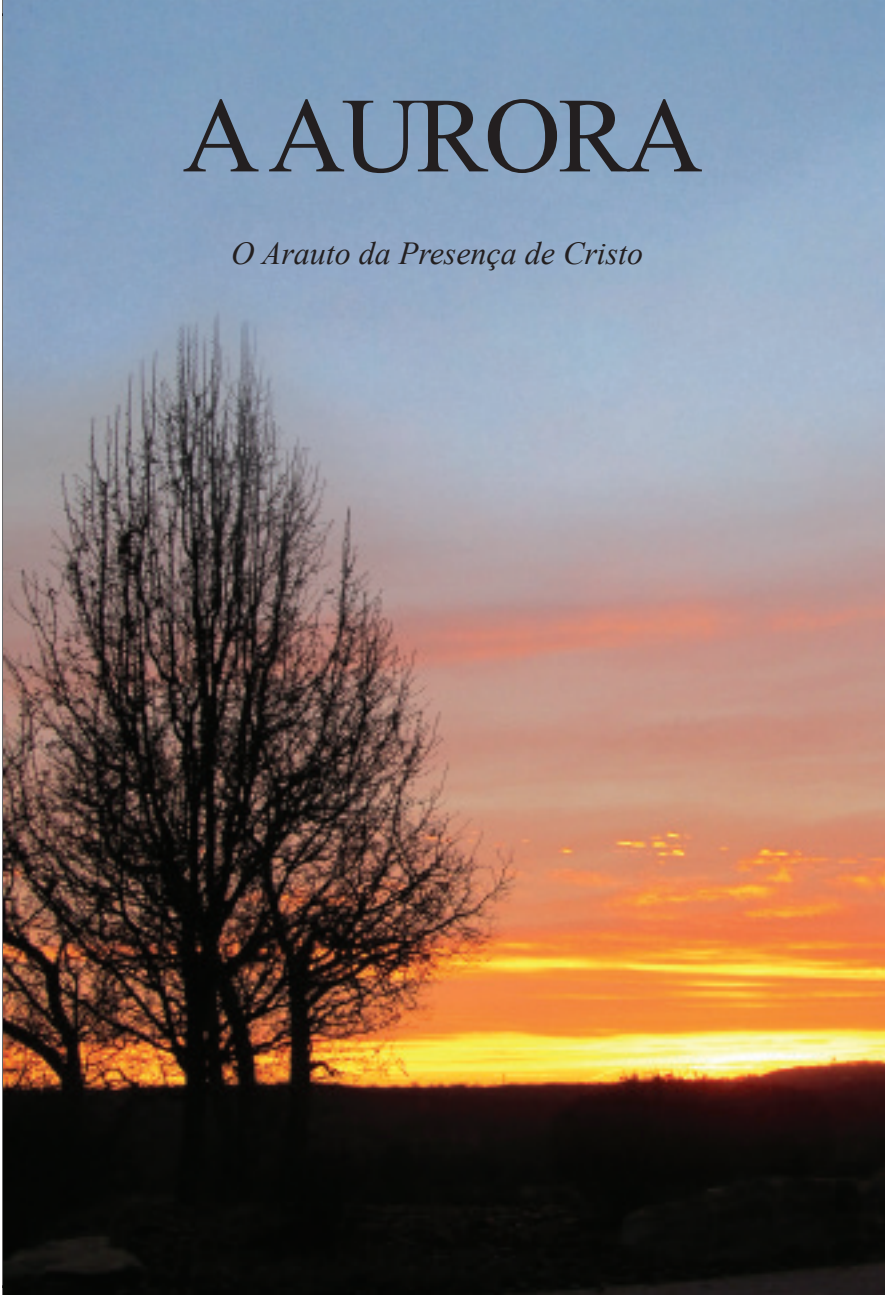
A AURORA

O Arauto da Presença de Cristo



A AURORA

Vol. 10 No. 4

Julho - Agosto 2017

Publicada em Alemão, Croata, Espanhol, Francês, Grego, Inglês, Italiano, Polonês, Português, Romeno, Russo e Ucraniano.

CONTEÚDO DESTE NÚMERO

A AURORA é publicada bimestralmente por The Dawn Bible Students Association, Divisão em português, 199 Railroad Avenue, East Rutherford, NJ 07073, USA
www.dawnbible.com

Sirva-se notificar-nos imediatamente sua mudança de domicílio. Inclua a etiqueta de envio de sua revista, e envie-a juntamente com seu novo endereço. Preço anual: US $12.00 (6 números) Sem custo de fora os EUA

ALEMANHA: Tagensbruck Bibelstudien-Vereinegung, Alzeyer Str. 8 (Postfach 252), D 67253 Freinsheim
ARGENTINA: El Alba, Calle Almirante Brown 684, Monte Grande, Buenos Aires
AUSTRÁLIA: Berean Bible Institute, P.O. Box 402, Rossana, Victoria, 3084
BRASIL: A Aurora, Caixa Postal 50088, Rio de Janeiro, RJ CEP 20050-971 E-mail: estudantesdabiblianobrasil@gmail.com
CANADÁ: P.O. Box 1565, Vernon, British Columbia, V1T 8C2 Canada
COLÔMBIA: A.A. 7804, Medellín, Antioquia.
ESPANHA: El Alba, Via S. Leonardo 21, Octaviano 80044, Napoli, Italia
FRANÇA: Aurore, 45, Avenue de Gouvieux, 60260, Lamorlaye
GRÉCIA: He Haravgi (The Dawn), 199 Railroad Ave., East Rutherford, NJ 07073 USA
ILHAS BRITÂNICAS: Associated Bible Students, 102 Broad Street, Chesham, HP5 3ED
ÍNDIA: The Dawn, Blessington, #34, Serpentine St., Richmond Town, Bangalore 560025
ITÁLIA: Aurora, Via Ferrara 42, 59100 Prato

DESTAQUES DA AURORA

Intervenção ou isolamento? 2

ESTUDOS INTERNACIONAIS DA BÍBLIA

Débora e Baraque 16

O chamado de Gideão 18

Jefté responde ao chamado de Deus 21

O chamado de Sansão 23

VIDA E DOUTRINA CRISTÃ

A busca pelo povo de Deus – Parte 4
O Concílio de Jerusalém, e o começo da segunda viagem 26

The Dawn - Portuguese Edition

JULY / AUGUST 2017

A menos que se indique o contrário a tradução da Bíblia usada nesta Revista é a Versão Almeida Corrigida Fiel/ACF – Edição de 2011

Printed in USA

Intervenção ou isolamento?

"Ó Deus, não guardes silêncio; Não te cales nem fiques quieto, ó Deus. Para que saibam que só tu, cujo nome é JEOVÁ, És o Altíssimo sobre toda a terra." — Salmo 83:1, 18, TB

UM ESTADO GERAL do caos e de revolução tem existido em vários países do mundo durante as sete décadas desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Isso apesar da presença do mecanismo de paz das Nações Unidas que surgiu como resultado direto desse horrível conflito mundial. Hoje, a aparência de paz que existe em muitas partes da Terra ainda é mantida, em grande medida, pela pura força das armas por parte das nações mais poderosas, e não pela verdadeira harmonia e boa vontade entre os povos ou líderes.

Em um exemplo mais recente, o exército dos Estados Unidos no início de abril interveio na Síria realizando ataques com mísseis contra a base aérea de Shayrat nesse país. A base aérea era a suposta origem de um suposto ataque de armas químicas pelo governo sírio contra seus próprios cidadãos apenas alguns dias antes, em que quase noventa pessoas morreram, um terço delas, crianças. Alguns temem que essa ação pode levar

os Estados Unidos para outro conflito, como no Iraque ou no Afeganistão, onde os EUA se envolveram, em maior ou menor grau, por mais de quinze anos. Ao mesmo tempo, no entanto, quase todos condenam o recente ataque químico com gás, e admitem que algo deve ser feito para acabar com a carnificina da guerra civil da Síria, causando devastação por mais de cinco anos e, segundo algumas estimativas, já ceifou a vida de quase 500 mil pessoas.

INTERVENÇÃO *VERSUS* ISOLAMENTO

De modo geral, apenas em circunstâncias extremas as pessoas de qualquer país recebem a intervenção de outra nação, especialmente por meio de força armada. No entanto, independentemente dessas condições, temos visto muitos tipos de intervenções, especialmente nas últimas sete décadas, algumas parcialmente bem-sucedidas e outras com resultados desastrosos. Para os que estão tomando medidas militares, como ataques aéreos ou colocando soldados no solo de outras nações, a palavra intervenção é muitas vezes usada para justificar suas ações, que eles esperam que, a longo prazo, será bom para as pessoas envolvidas. Eles consideram que é necessário evitar a ruptura completa da lei e da ordem, ou o controle de líderes opressivos e ditatoriais.

A história dos Estados Unidos nesse respeito, em particular nos últimos 120 anos, tem oscilado entre dois extremos, desde a preferência pelo isolamento e o não envolvimento geral nos assuntos de outras nações até a intervenção esperada em todo o mundo, manifestamente por causa da liberdade, da paz e da

ordem. Na metade do anterior ao fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tentaram, embora não com sucesso, evitar o envolvimento direto com os conflitos de outras nações.

Mesmo a entrada do país na Primeira e na Segunda Guerra Mundial não foi inicialmente considerada, mas, por fim, desempenhou um papel importante nos resultados dessas guerras. O presidente Woodrow Wilson repetidamente prometeu que os EUA não entrariam na Primeira Guerra Mundial, que começou no verão de 1914. No final de 1916, dois anos e meio depois, os Estados Unidos permaneceram à parte, mas estavam sendo pressionados pela Grã-Bretanha para entrar na guerra, quando ambos os lados do conflito mundial estavam, virtualmente, paralisados e à beira da destruição mútua. Em abril de 1917, o presidente Wilson relutantemente engajou os Estados Unidos à guerra, a qual acabou apenas um ano e meio depois, em novembro de 1918.

Da mesma forma, os Estados Unidos, mergulhados nas profundezas da Grande Depressão dos anos 30, não queriam entrar na Segunda Guerra Mundial. Isso mudou, no entanto, em 7 de dezembro de 1941, quando Pearl Harbor foi atacado. Embora a guerra já estivesse sendo travada por quase cinco anos, foi principalmente por causa do avançado conhecimento tecnológico, científico e militar daquele país que os poderes do Eixo foram finalmente derrotados.

Nas décadas que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos se tornaram uma nação que realiza intervenções — e, muitas vezes, espera-se que o façam — nos conflitos de muitas nações

e povos. A História registra que, ao longo das últimas sete décadas, o país realizou mais de oitenta intervenções, e esse número inclui apenas aquelas que envolvem operações militares. Algumas duraram apenas um dia, mas, outras, continuaram por muitos anos.

DEUS INTERFERIRÁ?

Quais seguidores do Mestre e estudantes da Palavra de Deus, não cabe a nós decidirmos quem está certo em questões desse tipo. Para nós, toda a situação mundial dá evidências de que o homem, com todo o seu conhecimento e progresso técnico e científico, está falhando em se governar de maneira a garantir a paz, a segurança e a felicidade para todos. O egoísmo humano levou o homem a uma situação da qual ele não consegue se livrar. Várias abordagens têm sido tentadas, mas, em última instância, todos os esforços humanos falharão, e chegaremos ao clímax que o profeta Daniel descreveu como "um tempo de angústia [ou, tribulação] tal como nunca houve desde o início das nações e até então." — Dan. 12:1, *NVI*

Há milhões no mundo que professam acreditar em Deus e em sua capacidade de ajudá-los. No entanto, muitos desses, evidentemente, não se dão conta de que Deus fará algo para endireitar os problemas das nações e do mundo em geral. Eles não entendem que Deus prometeu interceder nos assuntos humanos, ou seja, fazer para o povo aquilo que eles não podem fazer por si mesmos. No caso dos que têm uma vaga noção disso, ainda lhes falta uma fé suficientemente forte na sabedoria e no poder de Deus para acreditarem que ele pode realizar tais coisas, com resultados permanentes.

Eles olham para a História secular e constatam que, no passado, Deus não interferiu para estabelecer a paz. Daí, eles se perguntam por que devemos esperar que ele faça isso agora.

INTERVENÇÕES PASSADAS

Contudo, pela História Bíblica, vemos que Deus realmente interveio nos assuntoshumanos. Um notável exemplo disso occorreu no Dilúvio dos dias de Noé. Antes do Dilúvio, conforme a Bíblia explica, o mundo havia se tornado incrivelmente perverso. Toda a inclinação dos pensamentos do coração do homem era "sempre e somente para o mal". (Gên. 6:1-5, *NVI*) A intervenção divina naquela época resultou na destruição de toda a raça humana, com exceção de Noé e sua família. Esses, seguindo as instruções de Deus, passaram com segurança pelo Dilúvio, e formaram o núcleo de um mundo novo.

Houve uma intervenção divina nos assuntos de uma nação quando Deus livrou o povo hebreu de sua escravidão no Egito. O faraó aprendeu que não poderia se opor ao Deus de Israel, embora tentasse desesperadamente fazê-lo, e perdesse a vida no final. O motivo dessa intervenção é bem claro. Os hebreus eram o povo escolhido de Deus, os filhos de Abraão. Deus prometeu a Abraão que todas as famílias da Terra seriam abençoadas por sua "semente". Visto que Jesus era a verdadeira semente da promessa, era necessário que os descendentes de Abraão sobrevivessem na Terra até que Jesus, o Messias, chegasse. (Gên. 22: 16-18, Gál. 3:16) A escravidão no Egito poderia acabar destruindo esse povo — daí a intervenção de Deus para os proteger.

Muitos exemplos de intervenção divina em prol de pessoas aconteceram no passado antigo, segundo temos registro. Os três hebreus foram libertos da fornalha de fogo, e Daniel foi salvo da boca dos leões. (Dan. 3:1-30; 6:1-28) No entanto, Deus não interveio para salvar Jesus da morte, pois seu plano era que o Filho unigênito desse sua vida como Redentor e Salvador do mundo. (João 1:14; 3:16) Durante seu ministério terrestre, Jesus, pelo poder de Deus, realizou muitos milagres, e depois os apóstolos também fizeram isso — causando uma intervenção temporária na vida dos que foram curados.

Embora Deus não tenha salvado Jesus da morte, nem mesmo da cruel morte na cruz, ele interveio poderosamente três dias depois, quando o ressuscitou dentre os mortos e o exaltou à mão direita dele, dando-lhe a natureza divina — a imortalidade. A intervenção de Deus para levantar seu filho dos mortos foi uma parte vital do seu plano para a salvação do homem, pois, embora fosse necessário que Jesus morresse como um "resgate por todos", sua morte teria sido em vão se ele não tivesse sido posteriormente ressuscitado. — Flp. 2:8, 9; Heb. 12:2; 1 Tim. 2:5, 6; 1 Cor. 15:13-20

Os exemplos acima indicam que a intervenção de Deus, ou, em alguns casos, a não intervenção, nos assuntos da humanidade, é feita de acordo com a realização de seus diversos planos e propósitos. Por sua vez, isso é regido pelos diferentes "tempos e épocas", durante os quais certos aspectos de seu plano devem ser cumpridos. (Dan 2:20, 21; Atos 1:7) Em todos os casos, no entanto, as ações do grande Criador, ou o adiamento

de tais ações, são para o derradeiro propósito de abençoar eternamente o homem. — Apo. 21:3-7; 22:1, 2

O PONTO DE VISTA DO MUNDO

Desde os dias da Igreja primitiva, nem o mundo nem o povo professo de Deus testemunharam muitas manifestações externas que indicam que o Senhor está interferindo nos assuntos da humanidade. O povo consagrado de Deus, com os olhos da fé, reconhece que Deus se relaciona com eles em sentido espiritual, mas sabem que, assim como o resto do mundo, eles também estão sujeitos a sofrerem e até morrerem. Na sua grande maioria, o ponto de vista do mundo, incluindo os de sincera inclinação religiosa, é que não devemos esperar que Deus tome qualquer ação positiva para ajudar a humanidade a sair do caos e da desordem em que o egoísmo humano o mergulhou.

Como resultado, a maioria pensa que o mundo continuará nessa luta indefinidamente, com a humanidade se esforçando o melhor que puder para governar a si mesma. Assim, eles se empenham para influenciar os governos a promulgar leis melhores e, de outras maneiras, melhorar a situação social e moral da sociedade. Há muito tempo já abandonaram a idéia de que Cristo vai retornar e estabelecer seu reino prometido. Em outras palavras, as pessoas do mundo, incluindo as de várias crenças religiosas, geralmente não acreditam que algum dia haverá uma intervenção divina nos assuntos dos homens. A humanidade, dizem eles, deve tentar melhorar seu próprio futuro e o de seus semelhantes.

UM LONGO SILÊNCIO — MAS NÃO PARA SEMPRE

Aqueles que não conhecem o plano de Deus como revelado na Bíblia não devem ser responsabilizados por sua falta de crença na intervenção divina como solução para os problemas do mundo. Afinal, como observamos, faz muito tempo que os humanos viram evidências visíveis da poderosa obra de nosso Deus nos assuntos dos homens. O Senhor leva isso em conta quando, por meio do profeta Isaías, ele diz: "Fiquei muito tempo em silêncio, e me contive, calado." (Isa. 42:14) Da mesma forma, o salmista no nosso texto introdutório fala de Deus ter guardado silêncio por um longo período de tempo.

De fato, Deus 'manteve a paz' (segundo verte a *King James*) e 'ficou muito tempo em silêncio' sem interferir nos assuntos humanos de forma visível. No entanto, em ambas as passagens acima, somos informados de que Deus não se propõe a abster-se para sempre de interferir no proceder, cada vez pior, de egoísmo humano. Em Isaías 42:13, apenas um versículo antes da referência acima, o profeta diz: "Jeová sairá como valente, despertará o seu zelo como homem de guerra. Exultará, clamará em alta voz, mostrar-se-á valente contra os seus inimigos."

Ao falar do silêncio de Deus, o salmista também deixa claro em versículos subsequentes que esse não é o caso para sempre, e que, no devido tempo, a humanidade saberá que apenas Jeová é "o Altíssimo sobre toda a terra". O único meio de toda a Terra entender essas coisas é pela milagrosa intervenção de Deus nos assuntos e atividades do mundo. Muitos podem achar que Deus desistiu de sua criação humana, até o ponto de "isolamento", e que simplesmente deixará o homem se

destruir. Mas esse não é o Deus da Bíblia, e abandonar a humanidade não faz parte de seu plano.

OS MÉTODOS DE DEUS

Não há limites para os os métodos de Deus realizar seus propósitos para a benção derradeira do homem. Nos dias de Noé, sua intervenção nos assuntos humanos foi por meio de um Dilúvio de águas. Por meio do cumprimento de profecias bíblicas, acreditamos que o fim de mais uma ordem mundial está próximo, e será seguido pelo estabelecimento do prometido reino messiânico na Terra. A intervenção de Deus para trazer o fim da atual ordem mundial utiliza métodos diferentes dos empregados na época do Dilúvio. Um deles, como indicam as profecias citadas, é que Deus permitirá que as nações, os exércitos e as ideologias ataquem uns aos outros de tal forma que a ordem social imperfeita da qual fazem parte, e que não existirá no reino de Cristo, seja destruída.

Outra profecia é aquela em que a presente ordem social é descrita simbolicamente como “a terra”. Diz assim: “Portanto espera-me, diz Jeová, até o dia em que eu me levantar para o despojo; porque o meu intento é congregar as nações, para que reúna os reinos, a fim de derramar sobre eles a minha indignação, todo o furor da minha ira; pois toda a terra será devorada pelo fogo do meu zelo.” — Sof. 3:8

Essa e outras profecias indicam que, na fase final do “tempo de aflição” predito por Daniel, Deus, a seu modo, revelará o que sua mão está realizando e, naquele tempo, as nações reconhecerão sua intervenção. Nessa fase final da destruição profética da Terra

simbólica, ou atual ordem mundial, as Escrituras indicam que o povo de Israel assumirá um papel proeminente.

O PAPEL DE ISRAEL NA INTERVENÇÃO DE DEUS

A profecia de Ezequiel, capítulos 38 e 39, indica que, no momento de seu cumprimento, os israelitas terão retornado à terra prometida a eles, e estarão bem estabelecidos nela. Sob tais condições, as hordas agressoras do norte, sob a liderança de um personagem simbólico chamado "Gogue", irão atacá-los. Será nessa ocasião, quando a situação para o antigo povo de Deus parecer desesperadora, que Ele intervirá em seu favor. Sobre isso, citamos abaixo uma parte da profecia de Ezequiel:

"Naquele dia quando Gogue vier contra a terra de Israel, diz o Senhor Jeová, a minha indignação subirá às minhas narinas. Pois no meu zelo e no ardor da minha ira falei: Certamente naquele dia haverá um grande tremor na terra de Israel, de sorte que os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo, e todos os répteis que se arrastam sobre a terra, e todos os homens que há sobre a face da terra, tremerão diante da minha presença, e os montes serão deitados abaixo, e os precipícios cairão, e todos os muros cairão por terra. Chamarei a espada contra ele para que venha sobre todos os meus montes, diz o Senhor Jeová; a espada de cada um se voltará contra o seu irmão. Contenderei com ele pela peste e pelo sangue; farei chover sobre ele, sobre as suas tropas e sobre os muitos povos que estão com ele, uma chuva inundante, grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre. Eu me engrandecerei, e me santificarei, e me

darei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou Jeová.” — Eze. 38:18-23

Como revela essa profecia, quando o horrível evento que ela descreve ocorrer, todas as nações terão os olhos abertos para discernir que essa derrota dos inimigos de Israel foi realizada por Deus. Eles saberão então que o Senhor do céu interveio em nome do seu povo. A profecia fala de “uma chuva inundante, grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre”, que Deus usará para derrotar os inimigos de Israel. Essas expressões podem representar, simbolicamente, qualquer força que o Senhor possa usar naquele momento. Os detalhes das profecias raramente são entendidos até serem cumpridos. No entanto, a questão importante considerada agora é que Deus, no tempo exato para isso, intervirá nos assuntos humanos, e quando o fizer, todas as nações entenderão o significado do que ocorreu.

O REINO ESTABELECIDO

A derrota dos inimigos de Israel resultará no estabelecimento da autoridade do reino messiânico em toda a Terra. Esse será o clímax, ou fim, do tempo de aflição. Jesus se referiu a esses dias como um período de “grande tribulação”, tão grande que, a menos que fossem “abreviados, nenhuma carne se salvaria”. No entanto, Jesus nos assegurou que esse tempo de caos e aflições seriam interrompidos “por causa dos escolhidos”. (Mateus 24:21, 22) A ideia no grego original é que essa tribulação será interrompida “por meio dos escolhidos” — isto é, por meio de Jesus e daqueles que estarão associados com ele na fase espiritual do reino, e que “reinarão com ele durante mil anos”. — Apo. 20:6

O profeta Isaías fornece uma descrição maravilhosa do estabelecimento do reino messiânico. Nessa profecia, o governo do reino é simbolizado como uma montanha acima de todas as outras, e as várias montanhas e montes, ou outeiros, da Terra são subservientes a ela. A profecia diz: “Sucederá nos dias vindouros que o monte da casa de Jeová será estabelecido no cume dos montes, e será exaltado sobre os outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. Irão muitos povos e dirão: Vinde e subamos ao monte de Jeová, à casa do Deus de Jacó; dê-nos ele a lição dos seus caminhos, e andaremos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra de Jeová. Ele julgará entre as nações, e servirá de árbitro a muitos povos; das suas espadas forjarão relhas de arado, e das suas lanças podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.” — Isa. 2:2-4, *TB*; Miq. 4:1-3

O “monte”, ou reino do Senhor Jeová, será uma família real, composta pelos filhos de Deus. Estes incluem Jesus e aqueles que sofreram e morreram com ele para viver e reinar com Jesus. (2 Tim. 2:11, 12) Essa família real de filhos supervisionará e governará todos os assuntos dos homens, tal como indicado por estar sendo estabelecido no “cume dos montes” e “exaltado sobre os outeiros”. Por meio da intervenção divina, esse novo governo estará firmemente estabelecido para governar os povos do mundo, e eles voluntariamente “concorrerão (afluirão) a ele”.

Os povos de todas as nações, naquela tempo, terão aprendido a inutilidade de seus próprios esforços para estabelecer paz e segurança. Eles saberão que o

mundo não pode continuar indefinidamente sob ameaças constantes de guerra, revoluções e armas de destruição em massa. Eles aprenderão que uma paz artificial, provocada pela intervenção do homem e seus armamentos, não é realmente uma paz que vale a pena. Eles se 'exultarão e se alegrarão' para que esse novo governo, o reino de Cristo, exerça autoridade sobre eles. Será isso, pelo qual, sem saberem, esperaram milhares de anos. — Isa. 25:9

A profecia citada acima de Isaías 2:2-4 afirma que as pessoas desejarão ser ensinadas pelo "Deus de Jacó", e aprender seus caminhos. Isso é porque eles saberão que seus próprios planos e caminhos falharam. Ao verem os grandes resultados da intervenção de Deus, eles vão querer aprender seus preceitos e caminhar em seus caminhos. Os caminhos do Senhor serão então retos e livremente disponível a todos. Sua lei sairá "de Sião", e sua palavra "de Jerusalém". — v. 3

"ESPADAS EM ARADOS"

Quando as pessoas reconhecerem a autoridade do reino do Messias sobre elas, e procurarem andar em seus caminhos, elas "farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices". Elas "jamais tornarão a preparar-se para a guerra". (v. 4, *NVI*) Isso significa que a intervenção divina na Terra resultará no fim da guerra e na preparação para a guerra, simbolizado pela remodelação de espadas e lanças em implementos agrícolas.

Quão irônico é que esse simbolismo da profecia de Isaías tenha sido visto por pessoas e líderes de todas as nações há quase sessenta anos. Em 1959, uma estátua

de bronze esculpida por um famoso artista e escultor da Ucrânia foi doada pela União Soviética para as Nações Unidas, onde foi colocada em um ambiente ajardinado. A escultura se chama *"Convertamos nossas espadas em relhas de arado"*. Ela retrata a figura de um homem usando um martelo para transformar uma espada em uma lâmina de corte de um arado, representando o desejo de acabar com todas as guerras e converter as armas que causam morte e destruição em ferramentas pacíficas e produtivas para o benefício da humanidade.

Esperamos o tempo, tão próximo, quando Deus, por meio de seu Filho, Cristo Jesus, e de seus fiel seguidores, intervirá nos assuntos do homem "de uma vez por todas", para estabelecer um "reino que não será abalado". Portanto, "sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor". (Heb. 12:26-28, *NVI*) A intervenção de Deus trará uma solução eterna para o básico problema humano do egoísmo, pois as pessoas também serão reformadas em seu coração e terão prazer nos caminhos do Senhor, os caminhos do amor.

ESTUDOS INTERNACIONAIS DA BÍBLIA
Lição 1

Débora e Baraque

Versículo-chave: ***"Respondeu Débora: 'Está bem, irei com você. Mas saiba que, por causa do seu modo de agir, a honra não será sua; porque o SENHOR entregará Sísera nas mãos de uma mulher.' Então Débora foi a Quedes com Baraque." — Juízes 4:9, NVI***

Versículos selecionados: ***Juízes 4:1-24***

APÓS DESFRUTAR de um período de paz e bençãos por oitenta anos devido aos esforços de Eúde, Israel vacilou e se voltou para a idolatria. A perseguição dos cananeus nas mãos do Rei Jabim e seu comandante, Sísera, veio sobre Israel por causa de sua infidelidade. Na providência de Deus, no entanto, uma mulher piedosa foi colocada numa posição de liderança. Era Débora, uma profetisa e juíza de Israel.

Débora ficava sentada "debaixo da tamareira … nos montes de Efraim, e os israelitas a procuravam, para que ela decidisse as suas questões." (Juízes 4:5) Ela era uma mulher de grande sabedoria, integridade e coragem. Tendo avaliado o estado deplorável de Israel sob a opressão dos cananeus, Débora procurou o guerreiro Baraque. Ela disse-lhe: "O SENHOR [Jeová], o Deus de Israel, lhe ordena que reúna dez mil homens de Naftali e Zebulão e vá ao monte Tabor. Ele fará que Sísera, o

comandante do exército de Jabim, vá atacá-lo, com seus carros de guerra e tropas… e os entregará em suas mãos." — vs 6, 7, *NVI*

Baraque já ouvira essa mensagem antes, mas não havia feito nada a respeito. Agora, com o encorajamento de Débora, era hora de agir. Baraque ainda hesitou, embora a palavra do Senhor deveria ter sido suficiente para estimular sua fé e encorajar sua liderança. Ele disse a Débora: "Se você for comigo, irei; mas, se não for, não irei." (v. 8) A hesitação de Baraque demonstrou uma fraqueza na fé. Como resultado desse desafio enfrentado por ele, ele não receberia a glória total da vitória, a benção e a honra que Deus desejava conferir a ele. Débora declarou, como afirmado em nosso versículo-chave, que ela iria com Baraque, mas que a vitória e a honra resultantes não seriam inteiramente dele.

A batalha resultou numa derrota completa contra Sísera e seu exército com novecentos carros de guerra. Deus os entregou nas mãos de Baraque, como prometera. Sísera abandonou sua carruagem e tentou escapar a pé. O Senhor ordenou que outra mulher corajosa de Israel estivesse esperando por ele. Jael, a esposa de Héber, convidou Sísera, agora um fugitivo, a se refugiar em sua barraca. Ela lhe deu leite para beber, um indutor do sono, e o cobriu. — vs. 13-19

Cansado da batalha, Sísera caiu em um sono profundo. Jael segurou firmemente uma estaca de tenda em uma das mãos e um martelo na outra. Ela entrou na tenda onde o inimigo e opressor de Israel dormia, e cravou a estaca através de sua têmpora no chão. (vs. 21,

22) A vitória de Israel estava completa, e, como Débora havia profetizado, Sísera caiu na "mão de uma mulher".

Débora e Baraque nos ensinam ótimas lições a partir de duas perspectivas diferentes. Quando Deus nos ordena, devemos ser rápidos para obedecer. Débora foi fiel e estava firmemente resolvida a fazer a vontade de Deus. Ela recebeu uma grande benção, sendo considerada um exemplo de fé na Palavra de Deus. A experiência de Baraque nos ensina que Deus pode nos dar a vitória, mesmo quando somos fracos na fé.

Lição 2

O chamado de Gideão

Versículo-chave:
"Então lhe apareceu o anjo de Jeová, e lhe disse: Jeová é contigo, valentíssimo varão."
— Juízes 6:12, TB

Versículos selecionados:
Juízes 6:11-24

NOSSO VERSÍCULO-chave nos apresenta Gideão, um **"**homem valente". Israel estava em extrema necessidade de um grande líder para salvá-los. Eles haviam caído mais uma vez em uma condição de infidelidade para com Deus. A idolatria era praticada de modo aberto e desenfreado. Eram saqueados por bandos de midianitas que roubavam seu gado e cereais, deixando Israel em condições desesperadoras. Tal calamidade havia sido anunciada. O Senhor assegurou a Israel que, se continuassem obedientes aos seus mandamentos, seriam

abençoados. Mas sua infidelidade resultaria em maldições. (Deu. 28) Essas maldições incluíam opressão por parte de seus inimigos. Agora, profundamente empobrecido, Israel clama ao Senhor para ser liberto de Midiã. — Juízes 6:6, *NVI*

O anjo de Deus cumprimentou Gideão, assegurando-lhe de que o Senhor estava com ele. A resposta de Gideão, no entanto, reflete um estado de espírito um tanto diferente: "Ah, Senhor", Gideão respondeu, "se o Senhor está conosco, por que aconteceu tudo isso? Onde estão todas as suas maravilhas que os nossos pais nos contam quando dizem: 'Não foi o Senhor que nos tirou do Egito?' Mas agora o Senhor nos abandonou e nos entregou nas mãos de Midiã." — v. 13, *NVI*

Gideão não foi repreendido por sua fé vacilante, mas sim encorajado. "O Senhor se voltou para ele e disse: 'Com a força que você tem, vá libertar Israel das mãos de Midiã. Não sou eu quem o está enviando?'" (v. 14) Como cristãos, muitas vezes achamos que essa é a maneira amorosa de Deus lidar conosco. Embora possamos esperar uma repreensão em momentos de dúvida ou fraqueza, a misericórdia de nosso Pai Celestial sempre nos encoraja.

Talvez achemos que as palavras do Senhor, "com a força que você tem, vá", se referem à força de Gideão como um guerreiro forte e valente. No entanto, com mais probabilidade significa a confirmadora mensagem de esperança da libertação de Israel. Gideão devia encontrar forças na garantia de bênção e vitória de Deus sobre os midianitas. No entanto, surgiu outra barreira para a fé plena de Gideão no chamado de Deus.

Ele expressou a seguinte preocupação: “Senhor, como posso libertar Israel? A minha família é a mais pobre da tribo de Manassés, e eu sou a pessoa menos importante da minha família.” — v. 15, *NTLH*

Podemos ter sentimentos semelhantes às vezes, com dúvidas sobre a nossa capacidade de fazer o trabalho do Senhor. As Escrituras nos dão força para acabar com tais dúvidas. “Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes. Ele escolheu as coisas insignificantes do mundo, as desprezadas e as que nada são, para reduzir a nada as que são… para que, como está escrito: Quem se gloriar, glorie-se no Senhor.” — 1 Cor. 1:26-28, 31, *NVI*

Gideão preparou uma refeição para o mensageiro de Deus, talvez acreditando que, se o anjo comesse, seria uma prova de que não havia imaginado aquela aparição. A refeição não foi apenas comida, mas foi consumida pelo fogo. (Juí. 6:19-22) A evidência era irrefutável. Gideão agora havia compreendido a realidade do momento, que um anjo de Deus realmente falou com ele. Ele realmente foi chamado para servir o Senhor. Da mesma forma, e pela graça de Deus, que sejamos fortalecidos para aceitar a realidade profunda do nosso chamado ao seu serviço.

Lição 3

Jefté responde ao chamado de Deus

Versículo-chave: "Jefté respondeu: 'Se vocês me levarem de volta para combater os amonitas e o Senhor os entregar a mim, serei o chefe de vocês?'" — Juízes 11:9, NVI

Versículos selecionados: Juízes 11:4-33

AS BÊNÇÃOS DE DEUS e os seus chamados são fontes de lições maravilhosas. Em nosso versículo-chave, vemos os anciãos de Gileade implorando a Jefté para retornar como seu comandante. Anteriormente, ele havia sido afastado por seus irmãos. "Jefté, o gileadita, era um guerreiro valente. Sua mãe era uma prostituta; seu pai foi Gileade. A mulher de Gileade também lhe deu filhos, que quando já estavam grandes, expulsaram Jefté, dizendo: Você não vai receber nenhuma herança de nossa família, pois é filho de outra mulher." (Juízes 11:1, 2, *NVI*) Essas experiências, em vez de causarem sentimentos amargos ou enfraquecerem o caráter de Jefté, destacaram sua nobreza.

Os gileaditas haviam sido perseguidos pelos amonitas, contra quem não tinham os meios para oferecer resistência. Sua única esperança era recorrer a seu irmão que estava afastado, Jefté, porque ele era um homem de guerra habilidoso. Disseram a Jefté: "Venha ser o nosso comandante na guerra contra os amonitas." (v. 6) O que ele respondeu revelou perplexidade. "Disse-

lhes Jefté: 'Vocês não me odiavam e não me expulsaram da casa de meu pai? Por que me procuram agora, quando estão em dificuldades?'" (v. 7) Ele não os atacou com raiva nem os repreendeu, mas suas palavras eram esquadrinhadoras. Podemos aprender muito com esse exemplo.

Não devemos abrigar sentimentos ruins em relação a quem nos prejudicou, mas devemos estar prontos para perdoar e ajudar. Jesus nos diz: "Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus… Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa receberão?" — Mat. 5:44-46

Se Jefté tivesse um caráter duvidoso, certamente seus irmãos não teriam pedido para que ele fosse seu líder. Ele deve ter sido uma pessoa de bom caráter e fé zelosa. O seguinte texto com uma listagem de servos fiéis escreve o seguinte: "Que mais direi? Não tenho tempo para falar de Gideão, Baraque, Sansão, Jefté… os quais pela fé conquistaram reinos, praticaram a justiça, alcançaram o cumprimento de promessas… da fraqueza tiraram força, tornaram-se poderosos na batalha e puseram em fuga exércitos estrangeiros." — Heb. 11:32-34, *NVI*

O caráter de Jefté é adicionalmente revelado por sua sábia tentativa de encontrar uma solução diplomática para o conflito com Amom. Ele apelou para que o rei fosse razoável, dizendo: "Que é que tens contra nós, para ter atacado a nossa terra?" (Juízes 11:12, *NVI*) Jefté, então, contou a história da passagem de Israel para a Terra Prometida, que foi comissionada por Deus. (vs. 14-23) Em conclusão, Jefté disse ao rei para que

Quemós, o deus dos amonitas, lhes dessem a terra que desejava que eles tivessem, e o Senhor daria a Israel a terra que ele desejava que possuíssem. No entanto, seria errado ir à guerra com Israel. (v. 24, 27) O rei de Amom não deu atenção às palavras de Jefté. Houve guerra, e Deus deu a vitória a Jefté, que anteriormente havia sido depreciado. (v. 28-33) Também podemos ganhar a vitória, mesmo quando depreciados, por nos mantermos firmes na fé.

Lição 4

O chamado de Sansão

Versículo-chave: "Porque eis que tu conceberás e darás à luz um filho sobre cuja cabeça não passará navalha; porquanto o menino será nazireu consagrado a Deus desde o ventre de sua mãe; e ele começará a livrar a Israel do poder dos filisteus." — Juízes 13:5, ARA

Versículos selecionados: Juízes 13:1-25

PARA QUALQUER casal sem filhos, a notícia de que um bebê está a caminho seria motivo de grande alegria. Imagine a emoção adicional ao ouvir que o filho seria um libertador da sua nação. Tal é a alegria expressa em nosso versículo-chave, de que o filho que Manoá e sua esposa teriam cresceria para ajudar a libertar Israel da opressão dos filisteus. Assim, o chamado de Deus havia preparado o destino de Sansão antes de ele ser concebido.

As muitas quedas de Israel no erro haviam causado outro período de opressão. “Os filhos de Israel tornaram a fazer o mal à vista de Jeová, que os entregou nas mãos dos filisteus por quarenta anos.” (Juí. 13:1, *TB*) Por isso, surgiu a necessidade de um juiz justo em Israel para livrá-los.

O anjo de Deus visitou a esposa de Manoá, e depois de dizer-lhe que ela teria um filho em breve, ele a instruiu a tomar os devidos cuidados do pré-natal. “Você é estéril, não tem filhos, mas engravidará e dará à luz um filho. Todavia, tenha cuidado, não beba vinho nem outra bebida fermentada, e não coma nada impuro.” (vs. 3-5) Nosso versículo-chave continua com o anjo dizendo que seu filho seria um nazireu, especialmente dedicado a Deus desde o nascimento.

A notícia de que ela não seria mais estéril foi emocionante, e ela correu para contar a Manoá. Ao ouvir isso, ele rogou ao Senhor, pedindo que ele também pudesse se encontrar com o mensageiro. A oração de Manoá foi rapidamente respondida. O anjo voltou e confirmou tudo o que sua esposa havia dito. No começo, no entanto, Manoá não entendeu que estava falando com o mensageiro de Deus. Ele pediu ao anjo para que ficasse com eles enquanto preparava um sacrifício para comemorar a alegre ocasião. — vs. 6-19

Quando o sacrifício foi consumido, as chamas subiram ao céu. Manoá e sua esposa ficaram assustados ao ver o visitante entrar na chama e subir para os céus com esta. (vs. 20, 21) Percebendo que haviam visto um anjo enviado diretamente por Deus, Manoá supôs que eles morreriam por esse motivo. “Mas a sua mulher respondeu: ‘Se o Senhor tivesse a intenção de nos matar,

não teria aceitado o holocausto e a oferta de cereal das nossas mãos, nem nos teria mostrado todas essas coisas, nem nos teria revelado o que agora nos revelou.'" — vs. 22,23

O voto dos nazireus é delineado em Números 6:1-21. Significava uma separação para a obra de Deus, para durar um período específico de tempo. Sansão foi chamado para ser um nazireu durante toda a sua vida — antes do nascimento e até a morte. Embora tivesse sido escolhido para fazer a obra de Deus da libertação de Israel, Sansão teve reconhecidas falhas, conforme detalhado nos capítulos 14-16 de Juízes. No entanto, as falhas no caráter de Sansão foram compensadas pela sua forte fé. Apesar de suas fraquezas humanas, ele foi usado por Deus no serviço divino. Somos gratos pelo honesto relato da Bíblia a respeito de Sansão. Por isso, temos a certeza de que, apesar das nossas falhas, a graça de Deus nos permite viver uma vida separada para ele — pois, para isso fomos chamados. Concordamos com Paulo, que agradeceu a Deus pois, embora tenha servido à lei do pecado com a carne, 'com a mente, ele próprio era escravo da lei de Deus.' — Rom. 7:25

O Concílio de Jerusalém, e o começo da segunda viagem

A BUSCA PELO POVO DE DEUS — PARTE 4

"O homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado." — Gálatas 2:16, ARA

APÓS O RETORNO DE PAULO e Barnabé para a Antioquia, tendo completado com sucesso sua primeira viagem missionária, descobriram que havia agora um bom número de irmãos gentios na igreja, embora a maioria ainda fosse israelita. Uma grande concentração de irmãos judeus que viviam na Judeia continuavam a observar certas características da Lei Mosaica. Alguns deles foram a Antioquia e começaram a ensinar aos irmãos gentios que, se eles não fossem circuncidados de acordo com o costume de Moisés, eles não poderiam receber a salvação. — Atos 15:1

Paulo e Barnabé, anciãos da classe em Antioquia, discordaram dessa doutrina, o que resultou numa acirrada disputa. Os irmãos judeus estavam confiantes de que tinham razão. No entanto, Paulo e

Barnabé mantiveram a convicção. Por fim, a igreja em Antioquia decidiu que a única maneira de resolver essa controvérsia era através de uma assembleia em Jerusalém com os apóstolos e os anciãos, aos quais enviaram Paulo e Barnabé como representantes de seu entendimento do assunto. (v. 2) Tito, um convertido grego que também estava em Antioquia naquela ocasião, foi com eles para a conferência. (Gál. 2:1-3) Ele seria útil, sem dúvida, como um exemplo da grande fé que haviam encontrado entre os gentios.

Paulo e Barnabé viajaram através da Fenícia e Samaria em seu caminho para Jerusalém, contando aos irmãos ali, que eram principalmente judeus, sobre o grande número de gentios que haviam entrado no corpo de Cristo. Essa notícia despertou grande interesse, e aparentemente, todos os que ouviram falar do seu trabalho se alegraram com os resultados. — Atos 15:3

A CONFERÊNCIA EM JERUSALÉM

Em Jerusalém, Paulo e Barnabé relataram esses mesmos acontecimentos à congregação e aos apóstolos. No entanto, a reação a essas notícias foi bem diferente. Alguns dos irmãos que haviam saído da seita dos fariseus insistiam que esses novos irmãos gentios fossem circuncidados e “guardassem a lei de Moisés”. Isso deu início a um longo e intenso debate, já que Paulo e Barnabé não concordavam com esse ponto de vista. O apóstolo Pedro então lembrou aos irmãos que ele havia sido escolhido por Deus vários anos antes para abrir o caminho para os gentios. De acordo com Paulo e Barnabé, Pedro afirmou que a exigência da circuncisão entre os discípulos gentios era o mesmo que tentar a

Deus. Ele perguntou: “Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós?” — Atos 15:4-10, *ARA*

Quando Paulo e Barnabé tiveram a oportunidade de falar, eles tentaram convencer a multidão de que os gentios eram verdadeiramente irmãos. Eles relataram que, durante sua viagem recente, testemunharam os “sinais e maravilhas que, por meio deles, Deus fizera entre os gentios” pelo poder do Espírito Santo. (v. 12) O apóstolo Tiago, atuando como presidente do concílio, então resumiu a discussão. Ele citou o Antigo Testamento, no qual Deus havia predito o tempo em que “todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome” buscariam o Senhor. (vs. 13-17; Amós 9:11, 12) Tiago sugeriu que se pedisse aos irmãos gentios que observassem quatro itens da Lei e nada mais: “Que se abstenham de comida contaminada pelos ídolos, da imoralidade sexual, da carne de animais estrangulados e do sangue.” (Atos 15:20, *NVI*) Isso agradou os que estavam reunidos ali, e eles decidiram enviar Judas, o chamado Barsabás, e Silas, de volta a Antioquia com Paulo e Barnabé. Deveriam entregar, a todos os irmãos, uma carta dos apóstolos, anciãos e todos os reunidos em Jerusalém, reiterando as conclusões da conferência. Quando a carta foi lida para a igreja em Antioquia, todos os irmãos se alegraram. —vs. 22-32

Paulo escreveu sobre isso mais tarde em sua epístola aos Gálatas: “Catorze anos depois, subi novamente a Jerusalém, dessa vez com Barnabé, levando também Tito comigo. Fui para lá por causa de uma revelação e expus diante deles o evangelho que prego

entre os gentios, fazendo-o, porém, em particular aos que pareciam mais influentes, para não correr ou ter corrido em vão. Mas nem mesmo Tito, que estava comigo, foi obrigado a circuncidar-se, apesar de ser grego. Essa questão foi levantada porque alguns falsos irmãos infiltraram-se em nosso meio para espionar a liberdade que temos em Cristo Jesus e nos reduzir à escravidão. Não nos submetemos a eles nem por um instante, para que a verdade do evangelho permanecesse com vocês… Pelo contrário, reconheceram que a mim havia sido confiada a pregação do evangelho aos incircuncisos, assim como a Pedro, aos circuncisos… Reconhecendo a graça que me fora concedida, Tiago, Pedro e João, tidos como colunas, estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão. Eles concordaram em que devíamos nos dirigir aos gentios, e eles, aos circuncisos." (Gál. 2:1-9, *NVI*) Como Paulo explica nesse relato, os apóstolos em Jerusalém concordaram que sua principal tarefa continuaria sendo com os irmãos que pertenciam ao Israel natural, os "circuncisos", ao passo que Paulo e Barnabé trabalhariam com os gentios e com as congregações mistas de judeus e gentios.

PAULO CORRIGE PEDRO

Embora aparentemente o assunto tenha sido resolvido, alguns que vieram da seita dos fariseus continuaram a levantar essas questões. Estes não estavam dispostos a abrirem mão de sua devoção à Lei Mosaica. Mesmo Pedro, por algum tempo, foi afetado por esses fortes sentimentos. Logo após a conferência em Jerusalém, Pedro foi a Antioquia para uma visita. Lá ele misturou-se livremente com crentes judeus e gentios,

até que certos irmãos judeus chegaram da Judeia. Conhecendo a posição firme que eles tinham sobre a Lei, Pedro se afastou dos irmãos gentios locais por medo de manchar sua reputação com os crentes judeus visitantes. Paulo sabia que isso estava errado, e ele confrontou Pedro sobre o assunto.

Continuando em sua carta aos irmãos da Galácia, Paulo descreve o incidente nestas palavras: "Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, enfrentei-o face a face, por sua atitude condenável. Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão. Os demais judeus também se uniram a ele nessa hipocrisia, de modo que até Barnabé se deixou levar. Quando vi que não estavam andando de acordo com a verdade do evangelho, declarei a Pedro, diante de todos: 'Você é judeu, mas vive como gentio e não como judeu. Portanto, como pode obrigar gentios a viverem como judeus? … sabemos que ninguém é justificado pela prática da lei, mas mediante a fé em Jesus Cristo. Assim, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pela prática da lei, porque pela prática da lei ninguém será justificado.'" — Gál. 2:11-16, *NVI*

Depois de um período de cerca de dois anos desde que Paulo e Barnabé retornaram de sua primeira viagem missionária, os pensamentos de Paulo voltaram-se para os irmãos gentios nas várias classes que estabeleceram. Ele estava preocupado com o fato de terem sido visitados por irmãos equivocados da Judeia que insistiam para que fossem circuncidados. Assim, ele

sugeriu a Barnabé que voltassem a visitar esses irmãos "para ver como estão indo". (Atos 15:36, *NVI*) Paulo, sem dúvida, também planejou levar a carta elaborada na conferência de Jerusalém para compartilhá-la com todos os irmãos que encontrassem.

PAULO E BARNABÉ DISCORDAM

Barnabé achou por bem seguir os passos de sua primeira viagem missionária, que havia começado na ilha de Chipre. Ele sugeriu que seu sobrinho, João Marcos, voltasse a viajar com eles, como na primeira viagem. No entanto, Paulo lembrou-se do fato de que Marcos os havia deixado depois de passar apenas a primeira parte da viagem, e, por isso, não queria levá-lo novamente. Houve uma discussão tão grande sobre o assunto que Paulo e Barnabé decidiram se separar. Barnabé tomou seu sobrinho e navegou por sua terra natal, Chipre, e Paulo, acompanhado de Silas, viajou por terra, para o norte, em direção à Síria, e depois para o oeste, para a Cilícia. — Atos 15:37-41

Antes de prosseguirmos com o relato, é importante deixar claro um assunto. Não devemos achar que a discordância entre Paulo e Barnabé criou um abismo entre os dois para o resto de suas vidas. Pelo contrário, Paulo amava Barnabé e escreveu sobre ele em suas cartas às diversas congregações como um exemplo de devoção fiel ao Senhor.

Uma menção a isso está no relato citado anteriormente, onde Paulo, vários anos depois, escreveu sobre a correção dada a Pedro na questão da associação com irmãos gentios. Paulo indica sua sincera preocupação com Barnabé, ao mencionar que ele havia

tropeçado pelas ações de Pedro. (Gál. 2:13) Certamente, sua preocupação foi motivada por um grande amor por Barnabé, apesar de seu desacordo anterior em relação a João Marcos.

Paulo fez menção de Barnabé novamente vários anos depois em sua primeira epístola aos irmãos em Corinto. Nessa carta, Paulo disse aos irmãos que, como apóstolos, tinham certos direitos e privilégios: "Ou", pergunta retoricamente, "será que apenas eu e Barnabé não temos o direito de deixar de trabalhar para termos sustento?" (1 Cor. 9:6, *NVI*) Sua inclusão de Barnabé indica que ele ainda estava servindo fielmente ao Senhor, e Paulo tinha um respeito amoroso por seu serviço.

A Bíblia também tem o cuidado de registrar que em anos posteriores, Paulo teve o forte apoio de João Marcos como ajuda no ministério. Enquanto Paulo era prisioneiro em Roma, ele escreveu aos irmãos em Colossos, indicando que Marcos estava com ele naquele momento. Ele concluiu sua carta dizendo: "Marcos, primo de Barnabé. Vocês receberam instruções a respeito de Marcos, e se ele for visitá-los, recebam-no. Jesus, chamado Justo, também envia saudações. Estes são os únicos da circuncisão que são meus cooperadores em favor do Reino de Deus. Eles têm sido uma fonte de ânimo para mim." — Col. 4:10, 11, *NVI*

Muitas vezes, quando ocorre um problema ou diferença entre irmãos, aqueles que ouvem falar da dificuldade tendem a tomar partido, tornando as coisas mais difíceis. É possível que muitos que apoiaram Paulo na controvérsia original pudessem ter guardado sentimentos negativos sobre João Marcos. No entanto,

Paulo enfatizou seus sentimentos calorosos em relação a Marcos e, como observado no versículo anterior, instruiu os irmãos a recebê-lo, caso os visitasse. Marcos, aparentemente, saiu de Roma, talvez viajando para ver irmãos a quem Paulo o instruiu a visitar — incapaz de fazê-lo por causa de sua prisão. O fato de Marcos ter saído de Roma por um tempo é evidenciado na carta final de Paulo, ao escrever para Timóteo: "Só Lucas está comigo. Traga Marcos com você, porque ele me é útil para o ministério." (2 Tim. 4:11, *NVI*) A Bíblia não diz se Paulo viu Marcos novamente antes de morrer, mas é claro que ele amava muito a Marcos e o considerava de grande ajuda na obra.

INÍCIO DA SEGUNDA VIAGEM

A segunda viagem de Paulo, com Silas o acompanhando, começou com uma visita às igrejas na Síria e na Cilícia onde, sem dúvida, eles compartilharam a carta que eles trouxeram da conferência de Jerusalém. Continuando para o oeste em direção a Listra e Derbe, eles foram até onde Timóteo morava. (Atos 16:1, *NVI*) Ao chegarem na casa de Loide e Eunice, a avó e a mãe de Timóteo, Paulo descobriu que o jovem Timóteo havia amadurecido e era muito ativo nas congregações de Derbe, Listra e Icônio. — v. 2

Os irmãos dessas congregações elogiaram tanto a Timóteo que Paulo decidiu levá-lo com eles em suas viagens. No entanto, Timóteo foi primeiro circuncidado. (v. 3) Sua mãe era uma crente judia, mas seu pai era grego. Essa ação de Paulo pode parecer estranha em vista dos recentes acontecimentos em Jerusalém, onde haviam chegado ao acordo de que os gentios crentes não

precisariam ser circuncidados. No entanto, devemos ter em mente que Paulo sempre ia primeiro às sinagogas para apresentar a mensagem do Evangelho. Se Timóteo não fosse circuncidado, Paulo seria impedido de lidar livremente com os judeus.

Depois de ser circuncidado, Timóteo juntou-se a Paulo e Silas enquanto continuavam a jornada para entregar a carta dos apóstolos às várias igrejas da Ásia Menor que Paulo já havia visitado. As congregações que visitaram se beneficiaram muito das notícias trazidas de seu ministério. "Assim as igrejas eram fortalecidas na fé e cresciam em número cada dia." — vs. 4, 5

A DIREÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

A natureza especial do trabalho de selecionar um povo para o nome de Deus é destacada nos eventos que se seguiram. Paulo procurou alcançar outros potenciais irmãos na Ásia, nas regiões da Galácia e da Frígia, mas, de alguma forma, Deus indicou pelo seu Espírito Santo que não deveria fazê-lo. A simples afirmação das Escrituras é que foram "impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na província da Ásia." (Atos 16:6, *NVI*) Da mesma forma, quando eles consideraram entrar em uma região ao norte chamada de Bitínia, eles foram novamente instruídos pelo Espírito Santo para não ir. O relato afirma: "Quando chegaram à fronteira da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus os impediu." — v. 7

Quando consideramos esses simples relatos, é importante reconhecermos que a mensagem do Evangelho não deveria ser pregada indiscriminadamente em todos os lugares para encontrar conversos. Em vez

disso, observamos que o trabalho estava sendo cuidadosamente dirigido por Deus e seu filho, Cristo Jesus. Embora Paulo no momento não soubesse, havia uma urgência para ele ir mais para o oeste, para a Macedônia. Isso foi revelado a ele apenas quando chegaram à região oeste da Ásia Menor, à cidade portuária de Trôade. Ali, Paulo recebeu a visão de um "homem da Macedônia" pedindo-lhe: "Venha… e nos ajude." — vs. 8, 9, *NTLH*

Não devemos concluir que não havia nenhum povo de Deus nas outras áreas da Galácia, da Frígia e da Bitínia, e que, portanto, Deus os ignorou. Mais tarde Paulo foi a esses lugares. (Atos 18:23) No entanto, nessa viagem, era necessário que ele ajudasse aqueles que seriam preparados por Deus para receber o convite de se tornarem membros do corpo de Cristo. Pela primeira vez, e pela direção do Espírito Santo, a busca pelo povo de Deus agora entraria no continente europeu.